

Cenouras e cuecas

29 AGO 1995

JOSÉ NÉUMANNE

JORNAL DA TARDE

O ministro do Planejamento, senador José Serra (PSDB-SP), participou de um debate na Comissão de Agricultura da Câmara, na quinta-feira 24 de agosto. Na reunião, recebeu do deputado Nelson Marquezelli (PTB-SP) três cenouras de presente. "É para ele usar como quiser", explicou o líder maior da chamada "bancada ruralista" no Congresso Nacional.

Antes, os repórteres fotográficos encarregados da cobertura jornalística do Palácio do Planalto haviam flagrado um furo na meia do presidente da República, furo, aliás, logo reproduzido na imprensa. Imediatamente após, na crise do Banco Econômico, ao receber os repórteres, Fernando Henrique Cardoso comentou que não estava com as meias furadas e, se havia alguém no recinto com a cueca suja, não era ele.

Do deputado Nelson Marquezelli, que nunca se destacou como luminar da política, da cultura, do vernáculo ou da boa educação, é possível esperar uma grosseria como a que ele fez com o ministro. Do presidente da República, jamais. Afinal, poucos antecessores dele tiveram sua formação pessoal ou intelectual. Poucos também foram tão corteses no trato pessoal. Nem mesmo a tensão provocada pelo episódio da intervenção do Banco Central na instituição financeira baiana pode justificar tal deslize.

A verdade é que os dois episódios demonstram uma mudança de atitude bastante significativa no estilo dos políticos profissionais deste país. Será que o mais cordial dos brasileiros cordiais do professor Sérgio Buarque de Holanda está ficando cada vez menos cordial? A verdade é que o universo do "Vossa Excelência" e do "nobre parlamentar" está sendo invadido por uma grosseria chula e injustificável em todos os níveis do debate.

Três fenômenos justificam isso. O primeiro deles é um relaxamento nos costumes, que pode ser sentido nas discussões de

Ivan Karamazov estabeleceu o avançado conceito filosófico, segundo o qual "se Deus não existe, tudo é permitido". Em nome da liberdade e do progresso, o conceito "karamazoviano" tem sido adotado de forma banal, aqui no Brasil. E, se tudo é permitido à mesa de refeições, por que não nas sessões da Comissão de Agricultura da Câmara, onde os nobres parlamentares se sentem em casa?

Outro fenômeno capaz de explicar a grosseria chula do deputado, de alguma forma, embora nunca a justifique, é a redução média do nível intelectual da re-

O UNIVERSO DO "VOSSA EXCELÊNCIA" E DO "NOBRE PARLAMENTAR" ESTÁ SENDO INVADIDO POR UMA GRANDE GROSSERIA CHULA E INJUSTIFICÁVEL

trânsito, nas cenas e diálogos das telenovelas e até mesmo nas conversas ao pé do fogo das famílias, nos fins de semana. A liberalização dos costumes chega a extremos quase insuportáveis nas transmissões de televisão dos bailes de carnaval, mas atinge uma média de alto teor de permissividade, que tem alterado o cotidiano brasileiro a um ponto que só chega a ser percebido por quem disponha do privilégio de, às vezes, ultrapassar as fronteiras para conhecer os limites morais estabelecidos por outras sociedades.

presentação parlamentar. Isso foi parcialmente motivado pelo corte brutal das vocações políticas civis na época da ditadura militar, mas, em outra parte, é também motivado pelas distorções do sistema eleitoral brasileiro. Sempre houve Marquezelis na Câmara, conforme atesta o episódio da cassação do deputado Barreto Pinto, por posar de cueca para o fotógrafo da revista semanal *O Cruzeiro*. Mas é preciso reconhecer que aqueles eram menos freqüentes, menos, notórios e menos ousados.

Há, por fim, a necessidade de-

sesperada que sentem os representantes do povo, principalmente os deputados, por serem mais numerosos, de aparecer no noticiário impresso ou transmitido por rádio e televisão. O fenômeno chega a tal ponto que o prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, chegou a criar um neologismo para defini-lo (o tal "factóide"). À falta de talento e espírito cívico para a produção de projetos consequentes, a ser divulgados, os políticos profissionais desenvolveram um tipo especial de "marketing" para autopromoção a todo custo. O ministro Serra, aliás, detectou muito bem isso, ao responder, de forma adequada, à grosseria. "Da próxima vez, o deputado deve vir vestido de banana nana para chamar a atenção da imprensa", propôs ele.

O certo é que, enquanto o debate político brasileiro for travado ao nível escatológico das cenouras fálicas e da exposição do teor de higiene da roupa íntima, vai ser difícil exigir do representado o mínimo de respeito por seus representantes e governantes, por mais excelentíssimos que eles queiram parecer, perante sua perplexa clientela.